

A Criança e as Novas Tecnologias

JOÃO GOMES-PEDRO

*Unidade de Desenvolvimento e Comportamento Infantil — Hospital de Santa Maria
Clínica Pediátrica Universitária de Lisboa*

Resumo

O A. faz uma reflexão sobre as novas tecnologias, hoje bem expressas entre outros exemplos, pelos jogos electrónicos e descreve, nesse sentido, os condicionamentos do progresso no contexto da sua influência face ao limiar adaptativo, em função de cada desenvolvimento individual.

O A. recomenda que é em termos de um binómio Saúde-educação que se deverão estruturar as estratégias daquela adaptação face ao progresso, gerado por todos mas que tem de ser conceptualizado e manejado em função das diferenças individuais e da cultura que envolve cada criança e cada família.

Palavras-Chave: Criança; tecnologia; progresso; desenvolvimento; educação.

Summary

The A. reflects on new technologies, i.e. electronic games, and describes progress conditioning and its influence on adoptive threshold, in the context of each individual development.

The A. recommends that, in terms of Health-Education, strategies of adaptation to progress must be structured, generated by all but conceived and managed in terms of individual and cultural differences involving each child and family.

Key-Words: Child; technology; progress; development; education.

Escrever sobre a criança em confronto com as novas tecnologias, implica situar-me na minha dupla responsabilidade de Pediatra e de Educador. Não esconderei o quanto me foi difícil equacionar as reflexões que vou informalmente expor, talvez derivadas dessa mesma inibição com que me situo perante o modelo exemplar das novas tecnologias que nos rodeiam — o computador.

Interrogo-me, a este propósito, sobre qual a razão porque muitos dos da minha geração ainda resistem a transformar o seu modo de trabalho e, também, o da sua comunicação, quando, por exemplo, a evidência reverte toda a favor do reinado da informática, qualquer que seja o ramo da nossa actividade.

Será, porventura, que a designação de «Máquina inteligente» atribuída ao computador amedronta ou desafia a vaidade dos homens e das mulheres que, no seu tempo de meninos, não tiveram a oportunidade de brincar aos jogos de ecrã?

Ou será que a outra designação também usada de «Máquina estúpida» — contraposição que, com certeza, pretende ressaltar a primazia do cérebro humano — terá inibido todos os que, à partida, oferecem uma certa resistência a dialogar com os estúpidos?

Quaisquer que sejam as razões, o que é facto é que, enquanto existe ainda, para uma geração, uma relativa inibição face às novas tecnologias, para a geração mais recente, a adesão é total, o que é bem expresso pelo índice de vendas dos novos jogos electrónicos.

Espero que, ao longo desta reflexão se possam vir a vislumbrar as implicações do desenvolvimento das revoluções tecnológicas que emergem não só de toda uma sequência de gerações mas, outros sim, na sequência das próprias etapas do desenvolvimento na vida de cada um. Quer dizer, uma das grandes problemáticas das novas tecnologias, no nosso tempo, é o próprio ritmo imparável dessa mesma inovação tecnológica.

Neste contexto, direi que existem novas tecnologias deste que existe Homem, ser pensante a ser afectivo que vive numa comunidade de outros homens com quem comunica e com quem interage.

A maravilha da evolução das novas tecnologias terá começado no próprio homem.

É, por exemplo, a imaturidade dos nossos bebés, quando do nascimento, que vai condicionar uma determinada vivência da sua experiência precoce em termos de aprendizagem e de estruturação afectiva da sua comunicação. A experiência precoce onde o afecto desempenha um papel essencial, se bem que ainda não completamente clarificado em termos científicos, tem sido sugerida como tendo um impacto enorme na formação do sistema comunicativo pais-filhos e nos processos de vinculação entendidos como um fenómeno do desenvolvimento.

É nas fases mais precoces da sua maturação que o sistema nervoso central se encontra mais pronto e disponível para todo esse manancial de experiências precoces, em princípio fornecidas pelo ambiente familiar envolvente de cada bebé. ⁽¹⁾

Os fundamentos conceptuais destes períodos sensíveis e, de uma forma especial, o do período perinatal, tornam-se, hoje, cruciais para entender, com uma nova luz, o fenómeno das liga-

ções precoces, em termos do desenvolvimento social e afectivo da criança.

Inserir-se-á, porventura, a este nível, a questão fundamental da adaptação sócio-afectiva do ser humano ao ritmo actual das novas tecnologias que o próprio ser humano cria e gere.

Perguntar-se-á, julgo que apropriadamente, neste contexto, se a capacidade de manipular e de gerir as tecnologias que o cérebro humano cria e constrói corre a par de toda uma adaptação social e afectiva que essas mesmas novas metodologias técnicas implicam e que, como sabemos, transformam o sistema relacional e comunicativo de cada um de nós.

Perguntando de outro modo, a criança e a família disporão de meios que viabilizam a sua adaptação interactiva e relacional às exigências de uma evolução que requer mais produção, mais rendimento, mais eficácia e, portanto, cada vez mais, mais tecnologias de ponta?

Sabemos todos que, a adaptação na continuidade é um dos componentes fundamentais de todo o desenvolvimento infantil.

Reconhecemos todos, hoje, também, o Desenvolvimento infantil como um processo dinâmico constantemente influenciado por determinantes tanto endógenas como exógenas as quais, em função de uma determinada maturação do S.N.C., contribuem para um percurso de desenvolvimento que é individual e que tem como meta o sentido de competência e a realização total do Homem. Neste trajecto, a adaptação é uma constante e a premissa fundamental de um porvir.

Um dos bons exemplos desta adaptação é a aprendizagem da marcha entre outras conquistas galopantes do desenvolvimento da criança, nas primeiras idades da vida.

Quando, por exemplo, um bebé aprende pela primeira vez a andar, depois de ensinado e apoiado pelos seus familiares, todo o corpo se empertiga, as pernas estão tensas e ainda separadas com uma base de apoio alargada à procura de equilíbrio e toda a energia que foi mobilizada para alcançar esta meta conduz a um sentimento de vitória e é ela que empurra o bebé para novas conquistas no decurso de todo o seu desenvolvimento.

Este será um dos muitos exemplos das oportunidades dos Educadores poderem intervir reforçando toda esta associação biológica entre maturação e estimulação, entre ontogenia e adaptação, e que faz nascer toda uma nova leitura da fenomenologia do desenvolvimento conceptualizada em termos de evolução.

Mas estará o Homem ciente de quais são os ritmos da adaptação afectiva e relacional?

A imaturidade com que nascem os nossos bebés não estará a fazer nascer uma outra correspondência de preço a pagar pela nossa espécie, nos nossos dias, nomeadamente um outro tipo de imaturidade adaptacional que não identifica a evolução tecnológica com o desenvolvimento afectivo, designadamente na sua dimensão familiar?

Estaremos porventura, a gerar um risco em tudo equivalente ao da degradação nuclear que tem, também, limiares de controlo e de adaptação?

Conheceremos nós, no fundo, a Semiologia dos sinais precoces de ruptura?

Conheceremos nós os mecanismos de uma Prevenção eficaz? Estaremos habilitados, nós – Educadores – hoje, a elaborar estratégias de intervenção profilácticas dos riscos da nossa própria iatrogenia?

Ao ritmo alucinante do aparecimento das novas tecnologias, conseguiríamos fazer hoje algo de equivalente à futurologia de um Júlio Verne e de um Jonathan Swift?

Penso que não e, sobretudo, não conseguiríamos prever os limites da adaptação humana ao ritmo do progresso que criamos e que queremos mas que, provavelmente, não controlamos.

Não resisto a citar duas passagens escritas pelos autores atrás citados.

No seu livro «À roda da lua», Júlio Verne fazia, entre outras e seguinte descrição antecipatória de uma realidade porventura já vivida duzentos anos depois. Cito:

«O espectáculo continuava como antes. Por toda a extensão da esfera celeste era um formigueiro de estrelas e constelações de maravilhosa pureza, capaz de enlouquecer qualquer astrónomo. Por um lado, o Sol, qual boca de forno em brasa, disco deslumbrante e sem auréola, destacando-se no fundo negro do céu; por outro lado, a lua como estivesse imóvel no centro do mundo estrelar, devolvendo-lhe pela reflexão, os luminosos feixes. Mais em baixo, uma nódoa bem escura, que parecia abrir no firmamento um buraco ainda semi-orlado por estreita faixa de prata: era a Terra. Aqui e acolá, nebulosas acumuladas como grandes flocos de neve sideral e, desde o Zénite até ao Nadir, um imenso anel formado de impalpável poeira de astros, a Via Láctea, no meio da qual o Sol aparecia como estrela de quarta grandeza.

Os observadores não podiam despregar os olhos daquele espectáculo tão novo, do qual nenhuma espécie de descrição podia dar uma ideia. Que reflexões não lhes sugeriu? Que desconhecidas emoções não lhes despertou na alma?... Neste entretanto, o calculador Nicholl passava revista às suas fórmulas e trajectórias, manejando os algarismos com destreza sem igual.»

O que me fez apaixonar por esta prosa é, não só a espantosa previsão de uma viagem à lua constantemente controlada por computadores, mas, também e sobretudo, o envolvimento afectivo que narra todo esse novo mundo tecnológico.

Embora não queira de modo nenhum limitar o âmbito das novas tecnologias ao computador, não há dúvida que este segundo cérebro criado pelo homem era já sonhado antecipatoriamente séculos atrás.

Disto dá testemunho este texto escrito em 1727:

«Atravessámos o passeio para outra secção da Academia, habitada pelos promotores da cultura especulativa. O primeiro Professor que encontrei, ocupava uma sala muito espaçosa com quarenta alunos à sua volta;... vendo-me olhar inquisitoriamente para uma construção que ocupava a sala quase inteira... disse-me que (era) para melhoramento do conhecimento especulativo por meio de operações práticas e mecânicas.

A superfície de construção era composta por vários quadrinhos de madeira, alguns maiores que outros, ligados entre si por arames fininhos. Nestes quadrinhos, forrados a papel, estavam escritas todas as palavras da sua língua, nos seus vários modos, tempos e declinações, mas sem qualquer ordem entre elas. O Professor chamou, então, a minha atenção para uma demonstração com o seu engenho.»

Citei um pequeno extracto das «Viagens de Gulliver» de Jonathan Swift. Poderia, obviamente, ter sido escrito hoje. É tal a importância do computador (nesta descrição que ouviram ainda só sonhado) nas nossas vidas que a revista «TIME» o elegeu como homem do ano de 1983!

Mas o que representa, de facto, este Homem do ano face ao Homem da História?

Muitos investigadores do nosso tempo tentam architectar analogias entre o computador e o cérebro humano entendido nos termos dinâmicos da sua maturação. Ambos são sistemas que processam informação através da aplicação da lógica, de regras e de estratégias. Por outro lado, ambos os sistemas são auto-limitados na quantidade e natureza da informação que conseguem processar. Tal como o computador pode ser transformado num melhor processador de informação através de modificações do hardware («circuit boards» e «microchips»), e do software (programação), também a criança se transforma num processador de pensamento mais sofisticado através das transformações do seu hardware (sistema nervoso central e sensorial) e do seu software (regras e estratégias que a criança adquire) que ocorrem ao longo do seu desenvolvimento.

São vários os programas de software que cada criança utiliza nas suas várias idades e vários são também os programas necessários à realização das diferentes tarefas que promovem o seu desenvolvimento no seu quotidiano – andar de bicicleta, estudar para um ponto ou fazer amigos numa nova escola, por exemplo. Numa perspectiva diferente da de Piaget que, como se sabe, tanto se interessou pelas competências infantis, muitos teóricos do Desenvolvimento Infantil debruçam-se hoje sobre o desempenho infantil. Eles estão, sobretudo, preocupados com o quando, como e em que situações as crianças usam as suas competências ou capacidades para resolver determinados problemas. Indubitavelmente que todas as aquisições na área da Ciência da Informática influenciaram significativamente a Educação da criança provavelmente numa dimensão ainda mais significativa do que a do domínio do desenvolvimento cognitivo.

Um dos modelos teóricos mais populares, na actualidade, corresponde à abordagem processual da informação que implica o investigador a respeitar de modo mais exacto e preciso as estratégias cognitivas que se tomam necessárias à resolução de um determinado problema. Um exemplo desta abordagem permite explorar, nomeadamente, a chamada *décalage horizontal* que a teoria Piagetiana sempre teve dificuldades em explicar. Atente-se, ainda como exemplo, à questão seguinte: Porque é que a criança é capaz de resolver problemas respeitantes à conservação do tamanho antes de ser capaz de resolver problemas relativos a volumes?

O argumento de Piaget de que a conservação do volume exige um maior grau de abstracção é, em si mesma, demasiado abstracta para ser pedagógica. Na filosofia dos processadores de informação, é feita uma análise mais profunda da tarefa em causa e são, assim, identificados os requisitos que um determinado problema implica para a atenção, memória e capacidades de resolução infantis. Este tipo de análise viabiliza, ainda, nomeadamente, uma maior predictibilidade não só do sucesso infantil mas também um melhor conhecimento e interpretação dos insucessos.

No exemplo de há pouco, para resolver o problema da constância do tamanho, a criança só precisa de comparar os dois itens de uma só dimensão – tamanho. Para a conservação de volume, a criança precisa de ter em conta não só a altura de um determinado recipiente mas também o seu diâmetro; para além disso, estas duas dimensões têm que ser integradas de uma forma correcta, o que se identifica com o seguinte esquema: diâme-

tro vezes altura = volume. Neste modelo, através de uma análise lógica dos elementos que uma tarefa requiere, fica-se ciente não só do que cada criança não consegue fazer mas também e, sobretudo, do que ela, de facto, é capaz.

Todos sabemos que a criança é um organizador activo das suas experiências cognitivas; porém, ao contrário do computador, a criança aborda os vários problemas intelectuais com propósitos, objectivos e motivações. Precisamos, de facto, de novos modelos para entender o progresso das competências infantis e, neste entender, está implícita a clarificação de que, neste espantoso progresso, existem condicionantes que o modelo operacional em si mesmo desconhece. Será, porventura, esta a via de alcançar uma reflexão permanente que permite entender e enquadrar, assim o espero, ao mesmo tempo o ritmo do progresso das novas tecnologias e a salvaguarda das outras dimensões do desenvolvimento infantil e familiar.

Em todo este contexto é completamente absurdo admitir que as novas tecnologias são más para a criança ou para a família. Elas são o que nós quisermos que elas sejam na circunstância de vida das nossas crianças e das nossas famílias. Temos é que conhecer os limites da nossa adaptabilidade às nossas próprias criações; o computador, por exemplo, criação do homem, tanto pode ser o agente de propulsão de progresso da humanidade como o seu próprio agente redutor, se a atitude do homem for dominada por uma dinâmica exclusivamente mecanicista e operacional.

A filosofia e a ética apenas têm abordado ao de leve toda esta problemática. Qual o ponto de encontro do físico, do psicológico e do abstracto ou, se quiserem, numa linguagem mais ao gosto analítico, como se integram o real, o imaginário e o simbólico? O homem não é redutível nem explicável num contexto operacional precisamente porque uma dimensão afectiva está na base de todas as suas construções conceptuais. Bloquear, por exemplo, o imaginário não só reduz a fiabilidade das construções infantis mas também pode ser o detonador de variadíssimas disfunções e julgo que este será um dos muitos mecanismos indutores de toda uma nova psicopatologia que não aprendemos no nosso tempo de estudantes.

Acredito que estamos já longe do perigo da guerra clássica e eu diria mesmo da guerra nuclear. Já não é esta a guerra que interessa ao homem dominador do nosso tempo. A guerra da informação e da informática, essa sim, permite ganhar mais milhões de dólares, escravizar mais biliões de pessoas e conquistar mais tetralhões de interesses. Os interesses das grandes potências pela teleinformática, investindo hoje somas astronómicas através das grandes multinacionais, fundamentam esta nova tentativa do poder.

Como é que a estrutura familiar defendida e promovida pelos educadores poderá sobreviver a esta guerra a que alguém já chamou de apocalíptica?

Que pretendemos para a criança de que somos responsáveis? Indivíduos extremamente eficazes em desempenhos operacionais sofisticados?

Operadores de sistemas uniformizados que falem uma linguagem comum e resolvam problemas independentemente da sua língua e da sua cultura?

Teleprocessadores de uma informação impessoal e sem história?

Ou, porventura, indivíduos que têm um nome, que identificam e respeitam a diferença do outro, que desligam a máquina

para ir, por exemplo, comemorar qualquer efeméride com o avô, ou que tenham gozo em dizer «gosto tanto de si» na sua língua materna?!

Para onde pende o diferencial metodológico em projectos educacionais?

Penso que teremos que aceitar que as variáveis pessoais e ambientais são interdependentes e não independentes uma das outras. Quer dizer, variáveis pessoais e ambientais interagem umas com as outras para influenciar o comportamento. A interdependência destas variáveis foi expressa matematicamente por Lewin através desta fórmula – $C = F(P, A)$ em que C é o comportamento, F é a função de P (variáveis pessoais) e A representa as variáveis ambientais. O comportamento é a resultante do jogo destas variáveis e isto sabemos-lo desde há muito. Sabemos-lo sobretudo pelo Desenvolvimento Infantil mas o peso relativo destas variáveis está, nos nossos dias, em fase sensível de mutação. Mas guardemos as variáveis pessoais para o fim.

Debrucemo-nos nos poucos exemplos de variáveis ambientais. Dentro de pouco tempo, teremos computadores ainda mais interactivos que os McIntosh de hoje. Digo mais interactivos porque nos vão responder às nossas questões sem termos de teclar. Responder-nos-ão, provavelmente, numa primeira fase, em inglês, porventura ainda com uma voz roufenha monocórdica mas, progressivamente, teremos como autor da resposta uma voz do sexo oposto ao do inquiridor e teremos, muito provavelmente também, uma progressiva aproximação melódica ao contorno da comunicação desencadeante.

Imagino que nesse computador dos nossos filhos ou netos haverá receptores sensíveis que analisarão o teor emocional dos fenómenos comunicativos do operador/operadora o que, em conformidade, o levará a ajustar-se ao bioritmo desse operador ou dessa operadora.

A evolução científica na tecnologia diagnóstica, dá-nos, hoje, essa perspectiva. por intermédio, por exemplo, da Tomografia por emissão de positrões. Podemos já visualizar a distinção entre a actividade cerebral em repouso e em fase de concentração quando da oportunidade de audição de comunicações faladas e musicadas em simultâneo ou separadamente. Imaginemo-nos defronte de um écran onde aparecerão dentro dos limites da configuração do nosso cérebro, fluxos de todas as cores do arco-íris aqui e ali, cobrindo as várias regiões anatomo-fisiológicas e da sensibilidade histoquímica em sintonia directa com as sucessivas emoções ou fases do nosso pensamento e imaginação.

Iremos ter amanhã outros tipos de composição musical orquestrados em função do feedback que cada melodia desencadeia em termos de irrigação das nossas áreas límbicas ou temporais?

Passaremos a adormecer os nossos bebés com uma selecção de mais Mozart ou mais Back de acordo com a maior ou menor identificação da melodia desses concertos com a melodia das canções de embalar de cada mãe?

Passaremos a ter Arte fluxométrica realizada a partir de estudos computadorizados que nos darão a medida das reacções em várias amostras de seres humanos, em função da força do traço de um Miguel Ângelo ou da delicadeza afectiva de um Picasso?

E como imaginar a sala de aula de amanhã? Ou a sala de brincar de um jardim de infância neste virar de século?

Pensemos nos simultâneos de resolução de problemas de aritmética numa classe de uma escola de Lisboa em conjugação

com uma classe de outra escola de Tóquio, de Montreal, de Buenos Aires!

Passará a educadora para um comando operacional onde contará uma mesma história audível em n salas de creche ou jardim infantil e donde avaliará simultaneamente as reacções dos pequenos ouvintes teleprocessadas e telecontroladas?

Vídeos preparados por experts da Pedagogia mundial poderão ser vendidos barato por empresas multinacionais de Educação e utilizados na aprendizagem da leitura e da aritmética.

A televisão, hoje a nova baby-sitter das famílias, poderá passar a ser um programador da actividade infantil, telecomandada do emprego, pelos pais.

A biologia do jogo poderá, ainda, passar a ser uma fisiologia da aprendizagem e a socialização da criança poderá passar a ser totalmente científica tomando-se mais fiável a predictibilidade do alcance da independência.

Os tradicionais estereótipos masculinos e femininos, nomeadamente nas reacções ao stress e à adolescência aproximar-se-ão significativamente e identificar-se-ão numa nova cultura universal. Nesta conjuntura, cada família passaria a ser uma unidade operativa com interesses economicistas de grupo, a rentabilizar num enquadramento totalmente informatizado.

Neste contexto ainda, a comunicação não verbal seria uma curiosidade para os etologistas estudiosos do comportamento animal, particularmente na nossa espécie, e as línguas tal como as fronteiras das nacionalidades e das culturas, passariam a ser curiosidades históricas susceptíveis ainda de serem estudadas naturalisticamente por investigadores em locais recônditos e subdesenvolvidos do mundo. A comunicação negaria o seu componente implícito de intencionalidade e ganharia um novo substrato interactivo que passaria a ser, então, o do estímulo-resposta sequencial a um comando, a uma ordem, a uma interrupção micro-eléctrica.

A plasticidade deixaria de ser, então, o requisito absoluto na adaptação social e as emoções passariam a ter os gradientes que se entendessem justificados para cada situação.

Enfim, o retrato que tenho estado a pintar julgo que não será uma mera abstracção numa visão pessimista de futurologia crítica.

Não acredito, porém, que venha a ter consistência no amanhã nosso. O melhor sinal de Esperança é o acreditarmos numa Nova Pediatria que sirva o bem-estar da criança e da sua família. Somos nós e outros como nós que teremos de gerir o progresso, tendo em conta os limites de adaptabilidade da nossa espécie!

Teremos de ser os baluartes do progresso, das novas tecnologias, pondo-as ao serviço da criança, salvaguardando os segredos que fazem distinguir o humano do autómato ou do robot, a emoção do feixe de ondas, o carinho da cor programada, o amor do output mais que perfeito.

Temos de ser nós os criadores da diferença. Das garras do absurdo, temos de aproveitar o tudo que é significativo como o é a concentração, a vitória do conseguido, a certeza do novo.

Temos que fazer todos a profilaxia da falência do sensível e salvar a descoberta do diferente.

Temos todos de lutar juntos para nos convenceremos e convenceremos todos os outros que o educador não é o técnico de educação das crianças tal como o pediatra não é o médico de crianças e tal como o professor não é o técnico do ensino-aprendizagem do aluno. Somos todos Educadores da criança mais da

sua circunstância. Essa circunstância fundamental de cada criança é a sua família com uma individualidade própria e única resultante de tantos factores que jamais nenhum computador poderá processar.

De que estratégias dispomos para esta luta?

Eu creio que são muitas e aflorarei hoje apenas ao de leve uma – a comunicação expressa por sinais que temos de aprender a observar, a identificar, a reconhecer. É uma outra janela mais rasgada, que teremos de abrir para que o horizonte da nossa observação e da nossa descoberta seja o horizonte do nosso destino de Pessoas que não se reduzem a circuitos de bits. Temos hoje a evidência científica dos sinais de ruptura desta comunicação que tomei como exemplo de estratégia para a Prevenção por que somos responsáveis. Comunicação pressupõe interacção. Mesmo antes de entrarmos num diálogo efectivo, eu sinto-me em comunicação interactiva convosco e vou modelando a minha voz, porventura subconscientemente, de acordo com as reacções que sintonizo nos vossos olhos, nos movimentos das vossas cabeças ou dos vossos braços.

Comunicação interactiva poderá ser definida como um processo através do qual dois ou mais actores co-orientados para um determinado objectivo, transmitem informações de um modo mutuamente contingente graças às configurações de sinais nos múltiplos canais dessa comunicação expressa sobretudo a partir de códigos verbais e não verbais.

A comunicação não verbal engloba, indubitavelmente, a antropologia, a etologia e a psicologia do afecto. Inserindo-se na hoje chamada Zoosemiótica, ela vai, em termos de evolução, desde os processos de comunicação celular até aos domínios mais sofisticados da linguagem humana.

Nesta zoosemiótica, temos de estar atentos aos sinais e aprender as múltiplas expressões dos vários canais da comunicação.

Onde aprendemos nós a apercebermo-nos das minimamente subtis variações de expressão de alguns destes canais?

De facto, temos de estar atentos aos primeiros sinais de comunicação e às disfunções desses primeiros sinais de comunicação. Temos de estar conscientes de que as perturbações da comunicação da criança não representarão apenas uma disfunção ou uma falência do sistema infantil mas também, obrigatoriamente, uma falência do sistema familiar.

Temos que reaprender em cada dia a estar disponíveis para acreditar que cada coisa é aquilo que nós (porque cada um de nós tem de ser um situado num plural) quisermos que seja, em cada momento e em cada determinado estado de espírito em que o outro e o mundo são nossos parceiros interactivos.

Convido-vos, agora para este debruçar sobre as expectativas referentes aos primeiros sinais de comunicação porque temos hoje provas científicas irrefutáveis da importância e do significado da experiência precoce. ⁽²⁾

Num conceito dinâmico do desenvolvimento, o sistema nervoso central como que espera que em determinadas fases da vida da criança existam certas quantidades de estímulos e de oportunidades experienciais. Temos de estar atentos às expecta-

tivas para garantir estas oportunidades experienciais, nomeadamente da comunicação nas fases cruciais em que a biologia espera o estímulo, necessariamente afectivo, na comunicação interactiva. Para não errarmos, teremos mesmo de estar adiantados às expectativas sociais de cada momento, o que é válido já para todo o período pré-natal.

Mas, estar atento às expectativas significa, também, respeitar os silêncios, aceitar as pausas, aguardar o «estar pronto para» a comunicação. Neste «estar pronto para», a actividade motora do bebé é o seu primeiro sinal de linguagem e todos esses seus gestos e movimentos são equivalentes de outros sinais, verbais e não verbais, utilizados pela criança mais velha e pelo adulto.

O bebé é um ser social cujas expectativas fundamentais são, de facto, as da comunicação. Mas, esta comunicação é extremamente selectiva e exigente. Com os objectos, por exemplo, os bebés prestam uma atenção fixada, sem alternância ou modulação do olhar, mergulhando directamente nesse objecto que lhe interessa de momento.

Com as pessoas, o bebé demonstra ciclos de atenção alternando com alheamentos dessa mesma pessoa, 4 a 5 vezes por minuto. Com as pessoas, ainda os movimentos são mais suaves e semelhantes a gestos. As expressões faciais mudam frequentemente e estas modulações do olhar são interpretadas pelos adultos como comunicações significativas num diálogo em que cada interlocutor «dá a vez» ao outro alternadamente e sucessivamente.

A mínima perturbação ou desvio em função das expectativas é um factor de stress para o bebé.

Temos de estar atentos a todas as frustrações por que pode passar a criança de hoje e de amanhã se porventura a nossa intervenção for ineficaz.

Quais os limites da nossa adaptabilidade aos riscos de um ritmo de vida com menos comunicação e, não só, com mais desvios e mais frustrações na comunicação sobrevivente?

Precisamos de um grande esforço nos processos da nossa auto-educação, na educação dos educadores, dos pediatras e dos outros técnicos, de modo a que, atempadamente, possamos «estar prontos para» fazer frente aos riscos de um progresso que ele mesmo é, também, uma meta da nossa vida.

Este é o desafio que temos de partilhar com a criança e com as famílias, face às novas tecnologias e ao progresso, gerados por nós.

BIBLIOGRAFIA

1. Greenough W T, Black J E, Wallace C S. Experience and brain development. *Child Dev* 1987; 58: 539-59.
2. Gomes-Pedro J. Intervenção Precoce em Pediatria. *Rev Port Pediatr* 1991; 22: 43-52.

Correspondência: J. Gomes-Pedro
Estrada da Luz, 128 - 10.º Esq.
1600 Lisboa